

A CASA CINZA

Amorosa

A Casa Cinza

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2017 MARIAM PETROSYAN

ISBN: 978-65-6099-023-4

Published by arrangement with ELKOST International Literary Agency. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P485c

Petrosyan, Mariam.

A Casa Cinza / Mariam Petrosyan; tradução de André Rosa e Gabriela Soares. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Morro Branco, 2026.

744 p.: 13,7 x 20,5 cm.

ISBN 978-65-6099-023-4

1. Ficção estrangeira. 2. Literatura russa.
3. Romance contemporâneo. I. Rosa, André.
II. Soares, Gabriela. III. Título.

CDD 891.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura russa (891.7)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadoras da Obra: Beatriz de Assis & Illyssabelle Trajano

Produtora Editorial: Luana Maura

Tradução: André Rosa & Gabriela Soares

Copidesque: Beatriz Guterman

Revisão: Paulo Henrique Aragão

Diagramação: Natalia Curupana


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



A CASA CINZA

M A R I A M P E T R O S Y A N

Tradução
André Rosa e Gabriela Soares



MORROBRANCO
EDITORA

Amostra

INTRODUÇÃO

A Casa está situada na periferia da cidade. Numa região chamada Pente. Longos prédios alinhados em fileiras recortadas com vazios de concreto quadrados — os pátios disponibilizados como parquinhos para os jovens Penteados. Os dentes do pente são brancos, de múltiplos olhos e todos iguais. Onde ainda não despontaram, há terrenos baldios cercados. Os detritos das casas que já foram demolidas, local para ninhos de ratos e cachorros de rua, são muito mais interessantes para os pequenos Penteados do que os seus próprios pátios, os intervalos entre os dentes.

No território neutro entre os dois mundos — o dos dentes e o dos terrenos abandonados — se localiza a Casa. Ela é chamada de Casa Cinza. É velha e com a idade mais próxima à dos terrenos baldios, onde estão sepultadas as suas contemporâneas. Ela está só, já que as outras casas estão afastadas, e não se parece com um dente porque não se estira para o céu. Ela tem três andares, a fachada é virada para a estrada, e também há um quintal: um retângulo comprido rodeado por uma cerca de arame. Quando construída, era branca. Agora é cinza na frente e amarelada por dentro, no lado do quintal. Ele é encrespado de antenas e cabos, o reboco caindo e cheio de rachaduras. Apoiam-se contra ela anexos e garagens, lixeiras e casinhas de cachorro. Tudo isso no quintal. A fachada é nua e sombria, como se espera que ela seja.

Ninguém gosta da Casa Cinza. Ninguém dirá isso em voz alta, mas os moradores do Pente prefeririam não a ter por perto. Prefeririam que ela simplesmente não existisse.

LIVRO 1

FUMANTE

Amostra

FUMANTE

ALGUMAS VANTAGENS DE UM CALÇADO ESPORTIVO

Tudo começou com um par de tênis vermelho. Encontrei-os no fundo da mala. A mala de itens pessoais, como era chamada. Só que nela não havia nada de pessoal. Duas toalhas brancas, alguns lenços e a roupa suja. O mesmo que todo mundo. Todas as malas, toalhas, meias e cuecas eram iguais para ninguém ficar ressentido.

Encontrei os tênis por acidente, há muito tempo eu havia me esquecido deles. Um presente antigo de alguém já esquecido, de uma vida passada. Vermelho-vivo, envolto numa embalagem brilhante, com o solado listrado como um pirulito. Rasguei o pacote, acariciei os cadarços flamejantes e rapidamente calcei-os. Minhas pernas ficaram estranhas. Com um inusitado aspecto de que seriam capazes de andar. Esqueci que podiam parecer assim.

No mesmo dia, depois das aulas, Gin chamou-me de lado e disse que não gostava de como eu estava agindo. Apontou para os meus tênis e me mandou tirá-los. Não valia a pena perguntar por que isso era necessário, mas perguntei mesmo assim.

— Eles chamam atenção — disse ele.

Para Gin essa era uma explicação normal.

— E daí? — perguntei. — Que chamem a atenção.

Ele não respondeu. Ajustou a corrente dos óculos, sorriu e foi embora com sua cadeira de rodas. À noite, recebi um bilhete. Apenas três palavras: “Discussão sobre calçados”. E percebi que estava encrencado.

Cortei-me ao raspar a penugem das bochechas e quebrei o copo da escova de dentes. O reflexo que via no espelho parecia aterrorizado, mas eu não estava com medo de verdade. Quer dizer, eu estava assustado, é claro, mas ao mesmo tempo não me importava. Nem sequer tirei os tênis.

A reunião foi conduzida na sala de aula. Escreveram na lousa: “Discussão sobre calçados”. Uma palhaçada, só que eu não estava rindo porque já havia me cansado desses jogos, dos sabichões que os criavam e também daquele lugar. Tão cansado que quase esqueci de como se ri.

Colocaram-me ao lado da lousa para que todos pudessem ver o objeto da discussão. À esquerda, Gin se sentara à mesa e chupava a ponta da caneta. À direita, o Corcunda lançou uma bolinha de metal pelos corredores de um labirinto de plástico com um estrondo, até receber olhares de reprovação.

— Quem gostaria de se manifestar? — perguntou Gin.

Muitos queriam. Quase todos. Para começar, concederam a palavra ao Grifo. Para se livrar logo dele, talvez.

Aprendemos que toda pessoa que tenta chamar atenção para si mesma é narcisista e má, capaz de tudo e que se acha muita coisa ao mesmo tempo em que é, na verdade, completamente vazia por dentro. Um corvo em penas de pavão. Ou algo do gênero. Grifo leu a fábula do corvo. Em seguida, um poema sobre um asno que caiu no lago e se afogou por causa da própria idiotice. Depois ele ainda quis cantar algo dentro do mesmo tema, mas ninguém o escutava mais. Grifo inflou as bochechas, começou a chorar e calou-se. Agradeceram-no, deram-lhe um lenço, cobriram-no com um livro da escola e passaram a palavra para o Ghoul.

Ghoul falava de maneira quase inaudível. Nunca levantava a cabeça, como se lesse um texto em cima da mesa, ainda que ali não houvesse nada além do plástico arranhado. A franja branca caía-lhe sobre os olhos e ele a arrumava com a ponta dos dedos umedecidos pela saliva. O dedo fixava a mecha sem cor na testa, mas era só ele soltar que ela caía de volta sobre os seus olhos. Era preciso ter nervos de aço para encarar Ghoul por muito tempo. Por isso eu não olhava para ele. Meus nervos já estavam em frangalhos, não havia por que despedaçá-los ainda mais.

— Para o que a pessoa em questão tenta chamar atenção? Poderia se acreditar que para o seu calçado. Mas, na verdade, não é esse o caso. Por meio do calçado, ele chama atenção para as suas pernas. Isto é, está exibindo a sua deficiência, esfregando-a na cara dos outros. Ao fazer isso, é como se ele destacasse o infortúnio que temos em comum, sem nos levar em consideração ou pedir a nossa opinião. Em certo sentido, ele está debochando de nós...

Ele continuou repisando isso por muito tempo. O dedo subia e descia por entre as sobrancelhas, os olhos se tornavam avermelhados. Eu sabia de cor tudo o que ele podia dizer, tudo o que geralmente era costume dizer em situações como essa. Todas as palavras que saíam da boca de Ghoul eram tão sem vida e ressecadas como o seu dedo, a unha daquele dedo e ele próprio.

Depois falou Top. Mais ou menos a mesma coisa, tão entediante quanto. Em seguida, Cícero, Heitor e Prático. Os trigêmeos apelidados como os três porquinhos. Eles falavam ao mesmo tempo, atropelando uns aos outros. Assisti a eles com verdadeiro interesse porque não esperava que participariam da discussão. Acho que não gostaram da forma como eu os olhava, ou ficaram envergonhados e isso apenas piorou tudo, já que a reprimenda deles foi maior do que a dos outros. Relembaram o meu hábito de dobrar as páginas dos livros (ainda que eu não fosse o único a lê-los); que eu não dera lenços para o fundo de uso comum (ainda que eu não fosse o único com um nariz); que eu fico no banho mais do que o permitido (28 minutos

ao invés de 20); bato as rodas enquanto dirijo a cadeira (é preciso cuidar das rodas!); e, finalmente, chegaram no ponto principal: que eu fumo. Se, claro, é possível chamar de fumante alguém que fuma um cigarro a cada três dias.

Perguntaram-me se eu sabia qual era o dano que a nicotina causa à saúde dos que estão em volta. É claro que eu sabia. Eu não apenas sabia como podia dar uma palestra inteira sobre o assunto, porque durante metade do ano me encheram com tantos folhetos, artigos e opiniões sobre os males do fumo que seriam suficientes para umas vinte pessoas e ainda sobraria alguns de reserva. Falaram-me sobre o câncer de pulmão. Em outro momento, sobre o câncer em si. Continuaram falando sobre doenças cardiovasculares. Depois, também falaram sobre outras doenças terríveis, porém, nesse ponto, eu já não escutava mais. Sobre essas coisas eles podiam falar por horas. Ficavam aterrorizados, estremeciam, os olhos se acendiam de excitação, como fofoqueiras decrépitas discutindo o último assassinato ou infortúnio, babando de entusiasmo. Meninos arrumados de camisas engomadas, sérios e confiáveis. E sob seus rostos se ocultava a fisionomia de velhotas carcomidas pelo veneno. Não era a primeira vez que eu percebia isso e já não me surpreendia. Eles me aporrinharam tanto que eu queria envenená-los com nicotina, todos de uma vez, e um de cada vez. Infelizmente, isso não era possível. Eu fumava meu miserável cigarro-de-cada-três-dias escondido no banheiro dos tutores. Nem mesmo no nosso, Deus me livre! Se eu envenenava alguém, era só as baratas, já que ninguém além delas passava por ali.

Apedrejaram-me por meia hora, depois Gin bateu a caneta na mesa e declarou encerrada a discussão sobre o meu calçado. Àquela altura todos já haviam esquecido o assunto e o aviso veio muito a propósito. Fixaram os olhos nos meus malditos tênis. Eles os reprovavam em silêncio, desprezavam com dignidade a minha infantilidade e falta de gosto. Quinze pares de macios mocassins marrons contra um par de tênis vermelho-vivo. Quanto mais eles os olhavam, mais brilhantes eles ardiam. Ao final, tudo na classe ficou cinza, exceto eles.

Eu estava justamente admirando-os quando me concederam a palavra.

E... Eu mesmo não sei como aconteceu, mas pela primeira vez na vida eu disse aos Faisões tudo que pensava deles. Disse que toda aquela classe, com tudo o que havia nela, não valia um par daqueles tênis magníficos. Foi isso o que disse a todos eles. Até para o pobre e assustado Top, até para os Três Porquinhos. E eu realmente me sentia assim naquele momento, porque não suportava traidores e covardes, e era exatamente o que eles eram: traidores e covardes.

Eles devem ter determinado que eu enlouquecera de medo. Só Gin não parecia surpreso.

— Então, agora sabemos o que realmente pensa. — Ele limpou os óculos e apontou para os tênis. — Isso não tinha nada a ver com eles. Era sobre você.

Baleia aguardava junto à lousa com um giz na mão. Mas a discussão estava terminada. Fiquei ali, de olhos fechados, até que eles se retirassem. E permaneci ali ainda por um longo tempo, sozinho. O cansaço silenciosamente emanava de mim. Eu havia feito algo fora dos limites. Comportar-me como uma pessoa normal. Parei de tentar agradar os outros. E não importa como tudo iria terminar, eu sabia que nunca lamentaria isso.

Levantei a cabeça e olhei para a lousa.

Discussão sobre calçados.

1. *Arrogância.*

2. *Chamar atenção para a deficiência coletiva.*

3. *Menosprezar a coletividade.*

4. *Fumar.*

Baleia conseguiu cometer pelo menos dois erros em cada palavra. Ele mal sabia escrever, porém era o único de nós que podia andar e por isso ele sempre era colocado junto à lousa durante as reuniões.

*

Pelos dois próximos dias, ninguém falou comigo. Fingiram que eu não existia. Virei um tipo de fantasma. No terceiro dia, na mesma situação, Homero me informou que me esperavam na diretoria.

O tutor do Primeiro Grupo se parecia mais ou menos como todos seriam, caso estes não se disfarçassem de adolescentes por algum motivo. Ele era como a velhota que existia dentro de cada um deles, à espera dos próximos funerais. Pútrido, com dentes de ouro e meio cego. Pelo menos era transparente.

— Tudo já chegou até a direção — disse ele, como um médico dando a notícia que o paciente tem uma doença incurável. Depois pôs-se a suspirar e balançar a cabeça por algum tempo, olhando para mim com pena, até que comecei a me sentir como um defunto não muito fresco. Ao conseguir o efeito desejado, Homero saiu resfolegando e gemendo.

Estive duas vezes no gabinete do diretor. Quando havia acabado de chegar e quando entreguei um desenho para a exposição de nome idiota: “Meu amor pelo mundo”. Aquele foi o resultado de três dias de trabalho que eu batizei de “A árvore da vida”. Somente ao tomar uns dois passos de distância do desenho era possível perceber que a “árvore” estava repleta de crânios e um enxame de vermes. De perto,

eles pareciam um pouco com peras em meio a galhos tortos. Como eu imaginava, ninguém na Casa percebeu qualquer coisa. Meu humor negro foi reconhecido, acredito, apenas na exposição, mas eu nunca soube como ele foi recebido. Na verdade, aquilo nem foi uma piada. O amor que eu sentia pelo mundo naquela época se parecia mais ou menos com aquilo que representei no desenho.

Na minha primeira visita à diretoria os pequenos vermes já fervilhavam dentro do amor mundano, embora ainda não tivessem chegado aos crânios. O gabinete estava limpo, porém meio desarrumado. Era visível que aquele não era o centro da Casa, o lugar onde tudo se concentrava e de onde tudo emanava. Parecia mais a guarita de segurança. No sofá, no canto, havia uma boneca de pano de vestido plissado com listras. Ela era do tamanho de uma criança de três anos. E por toda parte se via notas presas por alfinetes. Nas paredes, nas cortinas, no encosto do sofá. Entretanto, mais do que tudo fiquei chocado pelo enorme extintor de incêndio acima da mesa do diretor. Ele era tão chamativo que eu não conseguia nem prestar atenção no próprio diretor. Quem se senta dentro de um antigo dirigível talvez espere por algo assim. A única coisa a se pensar era o que aconteceria se esse negócio caísse e o esmagasse bem em frente aos seus olhos. Não restava energia para outra coisa. Não era uma maneira ruim para se esconder e permanecer à vista.

O diretor falava sobre a política escolar. Sobre o caminho que se seguiria. “Preferimos esculpir a partir de um material pronto”. Algo do tipo. Eu não ouvia com muita atenção. Por causa do extintor de incêndio. Ele me deixava profundamente ansioso. E todo o resto também. A boneca, as notas.

Talvez ele tenha amnésia? Pensei. É assim que se lembra de tudo. Quando eu for embora, ele escreverá uma nota sobre mim e a prenderá com alfinete em algum lugar visível.

Então tentei escutá-lo um pouco. Ele estava começando a falar dos ex-alunos. Aqueles que “tiveram sucesso”. Essas eram as pessoas que estavam nas fotografias emolduradas nos dois lados do extintor de incêndio. Rostos comuns e ressentidos, com distinções e diplomas que exibiam para a câmera com melancolia. Honestamente, até fotos de lápides seriam mais divertidas de ver. Talvez devessem ter pendurado uma ao lado das outras, considerando a especialidade da escola.

Dessa vez tudo estava diferente. O extintor de incêndio continuava lá, e as notas embranqueciam todas as superfícies acessíveis e inacessíveis, mas alguma coisa havia mudado na atmosfera do gabinete. Alguma coisa sem relação com o mobiliário e à boneca desaparecida. Tubarão estava sentado sob o extintor remexendo papéis. Murcho, sarapintado e cabeludo, como um pedaço de tronco coberto de líquen. As sobranceiras, também sarapintadas, cinzentas e cabeludas, caíam sobre os olhos como estalactites de gelo imundas. Havia uma pasta em frente a ele. Entre as folhas

discerni uma foto minha e percebi que a pasta estava cheia de coisas sobre mim. Minhas notas, avaliações, imagens de diferentes anos — todas as partes de uma pessoa que podem ser convertidas em papel. Eu jazia parcialmente entre as divisões de uma pasta de papelão, e parcialmente diante dele. Se existia alguma diferença entre o eu achatado, que estava na mesa, e o eu tridimensional que estava na cadeira, eram os tênis vermelhos. Eles não eram mais calçados. Eram minha própria identidade. Minha coragem e minha loucura. Um pouco desbotados depois de três dias, mas ainda assim vivos e bonitos como o fogo.

— Deve ter acontecido algo muito sério para os meninos não quererem mais te aguentar — Tubarão mostrou para mim uma folha de papel. — Veja, aqui tenho uma carta. Com quinze assinaturas no final. Como devo interpretar isso?

Dei de ombros. Entenda como quiser. Não queria explicar a ele sobre os tênis. Isso seria apenas ridículo.

— O seu grupo é exemplar... — As estalactites de gelo sarapintadas caíram, cobrindo-lhe os olhos. — Gosto muito desse grupo. E não posso recusar a petição deles. Principalmente por ser a primeira vez que pedem algo assim. O que você tem a dizer sobre isso?

Queria dizer que também estaria feliz em me livrar deles, mas calei-me. Que importância tinha a minha opinião contra os quinze favoritos do Tubarão? Ao invés de protestos e explicações, eu examinava discretamente o ambiente.

As fotografias dos que “tiveram sucesso” pareciam até mais repugnantes do que eu me lembrava. Imaginei meu próprio rosto envelhecido e flácido entre eles, com pinturas no plano de fundo, uma mais medonha que a outra. “Ele era chamado de pequeno Giger¹ com apenas treze anos”. Aquilo me deixou enjoado.

— Então? — Tubarão acenou os cinco dedos abertos em frente aos meus olhos. — Você está dormindo? Estou perguntando se você entende que sou obrigado a tomar certas medidas.

— Sim, é claro. Sinto muito.

Essa foi a única coisa que me veio à cabeça.

— Eu também sinto muito — resmungou Tubarão, fechando ruidosamente a pasta. — Sinto muito que você foi tão imbecil e conseguiu estragar sua relação com o grupo inteiro ao mesmo tempo. Agora saia e vá arrumar as suas coisas.

Algo pulou dentro de mim, para cima e para baixo, como um ioiô:

— Para onde vai me mandar?

1 Hans Ruedi Giger (1940-2014), artista suíço conhecido por suas pinturas que mesclam a imagem do corpo humano com elementos tecnológicos, estilo que ficou conhecido por “biomecânica”. Giger fez parte da equipe de efeitos especiais do filme *Alien* (1979), dirigido por Ridley Scott. O longa-metragem recebeu o Oscar de Efeitos Visuais. [N. do. T.]

O meu espanto causou-lhe imensa satisfação. Ele passou algum tempo se deleitando, mudou objetos diferentes de lugar, examinou as unhas atentamente, acendeu um cigarro...

— O que você acha? Para outro grupo, é claro.

Sorri:

— Você está brincando?

Seria mais fácil alojar um cavalo vivo em outro grupo da Casa do que alguém do Primeiro. O cavalo teria mais chances de se adaptar. A despeito do tamanho e do esterco. Eu deveria ter permanecido calado, mas não me contive:

— Ninguém vai me aceitar. Eu sou um Faisão.

Tubarão ficou irritado de verdade. Cuspiu o cigarro e deu um soco na mesa.

— Já chega dessas histórias! Chega! Que coisa é essa de Faisão? Quem inventou essa besteira?

Os papéis se espalharam sob o seu punho, a bituca do cigarro caiu fora do cinzeiro.

Assustei-me tanto que, em resposta, gritei ainda mais alto:

— Como vou saber por que nos chamam assim? Pergunte para quem inventou isso! Você acha que é fácil lembrar todos esses apelidos idiotas? Você acha que alguém me explicou o que eles significam?

— Não se atreva a levantar a voz na minha sala! — gritou ele, debruçando-se sobre a mesa em minha direção.

Lancei um olhar para o extintor e imediatamente desviei os olhos.

Ele ainda estava lá.

Tubarão seguiu o meu olhar e, de súbito, sussurrou em tom de confidência:

— Não vai cair. Os parafusos são dessa grossura.

E ele me mostrou o seu dedo odioso.

Aquilo foi tão inesperado que fiquei perplexo. Permaneci ali, com os olhos arregalados, feito um idiota. Tubarão deu uma risadinha. E de repente, entendi que ele simplesmente estava debochando de mim. Eu não morava há muito tempo na Casa e ainda tinha dificuldade em chamar algumas pessoas pelo apelido. É preciso ter a mente bem aberta para chamar alguém na cara de Fungada ou Mijão sem se sentir um completo canalha. Agora ele vem me dizer que a direção também não concordava com nada disso. Mas por quê? Simplesmente para gritar e ver a minha reação? Então percebi o que havia mudado no gabinete desde a minha primeira visita. O próprio Tubarão. Do singelo preceptor, escondido sob o extintor de incêndio, ele se transformara em tubarão. Exatamente no que era chamado. Quer dizer que apelidos não eram dados à toa.

Ele acendeu outro cigarro enquanto eu pensava sobre tudo isso.

— Não quero mais ouvir essas bobagens na minha sala — advertiu ele, e pescou da minha pasta a bituca do cigarro anterior. — Essas tentativas de humilhar o melhor grupo. Privá-los do devido status. Entendeu?

— Quer dizer que você também considera essa palavra um insulto? — especifiquei. — Mas por quê? Como é pior do que Pássaros? Ou Ratos? Ratos. Para mim são muito mais repugnantes do que Faisões. — Tubarão pestanejou. — Provavelmente porque sabe o sentido que todos atribuem a elas, não é?

— Sim — disse ele sombriamente. — Chega. Cale-se. Agora eu entendo porque o Primeiro Grupo não te suporta.

Olhei para os meus tênis. Tubarão tinha uma opinião muito generosa sobre os motivos dos Faisões, mas não falei isso. Apenas perguntei para onde eu seria transferido.

— Ainda não sei — mentiu ele. — Preciso pensar.

Não era por acaso que o chamavam de Tubarão. Ele era exatamente isso. Um peixe manchado, de boca torta, que olhava para todos os lados. Ele havia envelhecido e, talvez, já não tinha muita sorte na caça, já que se divertia com uma presa tão pequena como eu. É óbvio que ele sabia para onde iria me mandar. E inclusive se preparava para dar a notícia. Mas mudou de ideia. Decidiu me atormentar. Só que ele exagerou um pouco, pois o grupo não era importante, já que todos odiavam os Faisões. De repente me dei conta de que a minha situação não era tão ruim. Havia uma chance real de eu escapar da Casa. O Primeiro me pôs para fora, os outros fariam o mesmo. Talvez imediatamente, talvez não, mas se eu me esforçasse, aceleraria o processo. Afinal, quanto tempo perdi tentando me tornar um verdadeiro Faisão! Convencer qualquer outro grupo de que não pertença será muito mais fácil. Além do mais, eles já têm certeza disso. É possível que o próprio Tubarão acredite nisso. Estavam simplesmente me expulsando de uma maneira arrastada. Depois ele poderá dizer que eu não me acostumei a nenhum lugar em que fui colocado. Do contrário, a culpa cairia sobre os Faisões...

Com isso, me acalmei. Tubarão, que me observava atentamente, sentiu o meu momento de lucidez e não gostou.

— Saia — disse ele com repugnância. — Arrume suas coisas. Amanhã às oito e meia vou pessoalmente te buscar.

Enquanto fechava a porta do gabinete do diretor, eu já sabia que ele chegaria atrasado amanhã. Uma hora, ou até duas. Naquele momento eu via suas intenções, com todos os seus insignificantes prazeres de tubarão.

*

“Os estudantes a chamam simplesmente de Lar, agregando nessa palavra abrangente tudo o que a nossa escola simboliza para eles: família, conforto, cuidado e compreensão”. Isso era o que estava dito no folheto que, quando eu saísse da Casa, pretendia pendurar na parede numa moldura fúnebre. Talvez até dourada. Aquele folheto era uma coisa excepcional. Nem uma palavra era verdade, mas também nem uma palavra era mentira. Não sei quem o escrevera, porém essa pessoa era um gênio à sua maneira. Porém, a chamávamos de Casa, e não Lar. Agregamos uma multiplicidade de coisas nessa maldita palavra. E era possível que aqui um Faisão realmente estivesse confortável. E era bem possível que os outros Faisões fossem substitutos para as suas famílias. Não se encontram Faisões no Exterior, por isso é difícil julgar, mas se lá eles existissem, a Casa seria o tipo de lugar que procurariam com todas as suas forças. Mas não havia nenhum e acredito que é justamente a Casa quem os cria. O que significa que antes de serem admitidos aqui, todos eles eram pessoas normais. Essa é uma ideia muito perturbadora.

Porém, de volta ao folheto. Na terceira página, mencionava-se: “Mais de um século de história e tradições cuidadosamente preservadas”. Basta dar uma olhada na Casa para perceber: ela havia começado a desmoronar ainda no século passado. Atestam isso as lareiras emparedadas e um complexo sistema de chaminés. Durante as ventanias, as paredes uivavam como as de um castelo medieval. Uma completa imersão na história. Ah, e com certeza estava certo sobre as tradições. O absurdo que reinava na Casa foi evidentemente idealizada por várias gerações de pessoas não muito sãs. As gerações seguintes restara apenas “preservar cuidadosamente e acrescentar”.

“Uma vasta biblioteca”. Existe uma. Sala de bilhar, piscina, sala de cinema... Tudo isso existia, mas para cada “existe” se acrescenta um pequeno “porém”. Como depois era descoberto, o uso dessas amenidades era impossível, desagradável ou perigoso. A sala de bilhar é rondada pelo Povo dos Macacos². Isso quer dizer que os Faisões não eram permitidos ali. A biblioteca era ocupada pelas meninas. De novo, proibido. Nos finais de semana os jogadores de carta se reuniam lá. Péssimo. Podia-se entrar, até era possível retirar alguma coisa para ler, mas não iria querer voltar lá para devolver. A piscina? Em reforma já há dois anos. “E ficaria em reforma por mais uns dois anos, pois o telhado tinha goteiras naquela área” — como gentilmente haviam me explicado os Três Porquinhos. Eles foram muito gentis por algum tempo. Respondiam as perguntas, mostravam e explicavam tudo. Eles tinham certeza de que moravam num lugar incomum e maravilhoso, com uma vida

2 Alusão à obra *O livro da selva*, de 1894, do escritor Rudyard Kipling (1865-1936). No livro, o termo Povo dos Macacos é utilizado para designar os macacos da Selva Seconee. [N. do. T.]

plena e interessante. Essa certeza deles era simplesmente de matar. Provavelmente, eu não deveria ter tentado destruí-la. Então, talvez ainda seríamos amigos. Logo a gentileza chegou ao fim, a amizade que mal teve tempo de começar também, e três assinaturas quase iguais apareceram na petição para a minha transferência. Ainda assim conseguiram me contar muitas coisas. Quase tudo o que eu sabia sobre a Casa aprendi com eles. A vida de um Faisão não era propensa a novos aprendizados. Em geral, era propensa a bem pouco. No Primeiro tudo era programado minuto a minuto.

No refeitório, pense em comida; na sala de aula, pense nas lições; no médico, pense sobre saúde. Pavor coletivo de se resfriar, sonhos coletivos de costeletas de cordeiro para o café da manhã. Tudo igual para todo mundo, nada de supérfluo. Cada movimento era automático. O dia se dividia em quatro partes, intercaladas pelo café da manhã, almoço e jantar. Uma vez por semana, aos sábados, filmes. Às segundas-feiras, reuniões.

“Já não é hora de?”

“Chamou-me a atenção...”

“Sem dúvida, a sala de aula é mal ventilada. Ficamos incomodados.”

“Sabe aqueles ruídos estranhos? Acho que são mesmo ratos.”

“Faça uma reclamação a respeito das condições antissanitárias das instalações, o que contribui para a propagação de roedores...”

E cartazes. Uma infinidade de cartazes.

Na sala de aula: “Durante as aulas, pense nas aulas. Fora pensamentos estranhos!”. No dormitório: “Faça silêncio, não atrapalhe seu colega de quarto”, “O barulho é uma fonte de doenças nervosas”.

Camas de ferro em fileiras arrumadas. Bordados brancos nos travesseiros. “Cuide da limpeza! A limpeza começa pela sua fronha!” Mesas de cabeceira brancas, uma a cada duas camas. “Lembre-se de onde deixou seu copo. Marque-o com o seu número”. Toalhas dispostas nas cabeceiras das camas. Também numeradas. Das seis às oito o rádio ficava ligado. “Se não há nada para fazer, escute música.” Quem quisesse jogar bingo ou xadrez deveria ir para a sala de aula. Desde que instalaram uma televisão ali, o número de pessoas descansando no quarto depois das aulas reduziu muito. Então retiraram a televisão. Agora a janela azul brilha no dormitório até a noite, e para um Faisão a noite começa às 21h, hora em que todos devem estar nas camas, de pijamas e prontos para cair no sono. “Se você sofre de insônia, procure um médico.”

Pela manhã, tudo recomeça. Calistenia, sentados. Arrumação da cama. “Ajude o vizinho a se vestir, e ele ajudará você.” Lavar o rosto. Seis pias com ferrugem ao redor dos ralos. “Espere a sua vez e não atrase os outros.” Rostos retorcidos nas ra-

chaduras do ladrilho e poças no chão. Refeitório. Aulas. Intervalo para o almoço. Aulas. Descanso. E assim por diante até o infinito.

*

Entrei no dormitório e descobri que eu não era mais um fantasma. O Primeiro sabia da transferência, era perceptível pelo modo como me olhavam fixamente. Havia algo quase indecente na curiosidade deles. Como se planejassem me devorar. Quase não pude me conter em dar meia volta ali mesmo, na porta, e sair. Ao invés disso, aproximei-me da minha cama e fixei o olhar na televisão. Uma mulher de avental quadriculado explicava como preparar panquecas com mel. “Pegue três ovos, separe as claras...” Era muito útil assistir a esse tipo de programa antes do jantar. Abria o apetite. Quando o sinal tocou, eu já sabia como fazer panquecas com mel, com o que as servir e que tipo de sorriso abrir ao fazê-lo. Eu era o único beneficiado por esse conhecimento. Os outros me olhavam e tomavam parte na preparação de um prato completamente diferente.

Sáímos do dormitório como sempre, de três em três, para nos acomodarmos sem tumulto em frente às pias e lavar as mãos antes de comer. Não me juntei a ninguém. Eles notaram isso entreolhando-se com cumplicidade.

No refeitório, comecei a tremer. Eu sentia os olhares dos Faisões. Para onde dirigiriam a atenção quando cansassem de me olhar? Porém, eles não conseguiam tirar os olhos de mim. Ou talvez realmente não soubessem para onde eu seria transferido.

O tempo se prolongou por uma eternidade.

Purê e croquete de cenoura. O garfo com um dente torto. A copeira de avental empurrava um carrinho e fazia os pratos tilintarem. As paredes brancas, os profundos arcos das janelas. Eu gosto do refeitório. É a parte mais antiga da Casa. Para ser mais preciso, ela é a que apresenta menos modificações. As paredes, as janelas e o piso cerâmico rachado eram, provavelmente, os mesmos de 70 anos atrás. E a lareira de azulejos tomava uma parede inteira, com uma portinhola trancada de ferro fundido. Era bonito aqui. O único lugar em que ninguém me incomodava com sermões, onde era possível se distrair, olhar os outros grupos e se imaginar como um não-Faisão. Esse costumava ser meu jogo favorito. Logo após a minha admissão. Depois, ficou entediante. Agora, de súbito, percebi que pela primeira vez poderia participar de verdade, e que isso já não seria mais um jogo.

Purê e croquetes de cenoura. Chá. Pão. Manteiga. A nossa mesa era toda preta e branca. Camisas brancas, calças pretas. Pratos brancos nas bandejas pretas. Bandejas pretas sobre uma toalha branca. Apenas os rostos e cabelos diferiam em cor.

A mesa ao lado pertencia ao Segundo. A mais viva e ruidosa. Moicanos tingidos, óculos e colares de contas. Nas orelhas, fones de ouvido ressoando. Ratos: um

híbrido entre punks e palhaços. Não havia toalha nem facas, e os garfos eram acorrentados à mesa, e se no decorrer do dia, um deles não tiver um ataque de histeria, tentando arrancar o garfo e cravá-lo no vizinho, os Ratos consideram que o dia foi desperdiçado. Era tudo um grande circo. Cada um do Segundo leva consigo uma faca ou uma navalha, então todo aquele alvoroço com os garfos é simplesmente uma forma de seguir a tradição. Um pequeno show especial para o público do refeitório. Na ponta da mesa senta-se o Ruivo. Enormes óculos de lentes verdes, a cabeça raspada, uma rosa pintada na bochecha e um sorriso malicioso idiota. O líder dos Ratos. Ele era o segundo que eu conhecia. Seus líderes não duram muito.

O Terceiro faz o próprio show. Eles usam grandes babadores com desenhos infantis e carregam consigo vasos com as plantas favoritas. Considerando o seu luto constante e os semblantes detestáveis, isso também se parece com um circo, porém um sinistro. Provavelmente, só os próprios Pássaros se divertem com isso. Cultivam flores em seus quartos, fazem bordado e ponto cruz. Eles são os mais quietos e educados depois de nós, mas só de pensar que posso acabar entre eles é terrível. Quando eu ainda jogava meu jogo favorito, eu sempre ignorava o Terceiro.

De repente, uma visão se apossou de mim. Era tão palpável que eu quase podia sentir.

Estou no dormitório escuro e úmido dos Pássaros. As janelas estavam cobertas por hera que quase não deixavam a luz passar. Plantas por toda a parte em vasos e tinas. No centro do quarto havia uma lareira em ruínas.

Os Pássaros se dispunham em fileira em banquinhos baixos, empunhando agulhas. Sentado na cornija da lareira, parecido com uma múmia, estava o Abutre, envolto em um manto de pele de arminho comido pelas traças. Ele fumava narguilé e soprava nuvens de fumaça para o nosso lado.

De tempos em tempos, um dos Pássaros se levanta e leva o trabalho para ser examinado. Fico enjoado. Porque está calor e meu bordado está tenebroso. Um horrível entrelaçamento de linhas, tufos e fiapos, não consigo nem tirar a agulha do meio dessa bagunça, e sei que cedo ou tarde chegará a minha vez de apresentar o trabalho, e estou morrendo de medo. Com um movimento desajeitado, esbarro com o cotovelo num vaso ali perto, ele vira e se quebra em pedaços. Dele cai um gerânio gigante, do tamanho de um belo arbusto de lilases, a terra se desprende e os cacos de terracota se espalham.

Em meio aos destroços no chão, vejo um crânio humano branco e limpo, sem o maxilar inferior. Ao redor, todos ficam paralisados. Olham para mim e para o crânio. Em seguida, ouve-se um grunhido abominável.

— Sim, Fumante, você tem razão — diz Abutre, saltando da cornija e claudicando em minha direção. — Esse era o nosso último calouro, que ele descanse em paz! Ele ri mostrando os dentes incrivelmente afiados, dentes de tubarão...

*

Nessa parte eu parei de imaginar, pois percebi que eu era realmente o centro das atenções, não apenas dos Pássaros, mas dos meus queridos Faisões. Eles me observavam com grande interesse. A careta de dentes pontiagudos do Abutre transformou-se no sorriso torto de Gin, uma visão que fez tudo dentro de mim se revirar. Inclinei-me para o meu croquete, e por pouco não vomitei de ódio. O que eu havia imaginado fora apenas isso, imaginação. Os verdadeiros necrófagos estavam sentados ao meu lado. Procuravam gotas de suor no meu rosto e lambiam os lábios. E de súbito, percebi que eu preferia me tornar um Pássaro naquele mesmo momento. Vestir preto, aprender ponto cruz, desenterrar uma centena de crânios escondidos nos vasos de flores. Qualquer coisa só para não viver mais com o Primeiro. O que mais me transtornava era que, sem dúvida, esses sentimentos também poderiam ser interpretados como um ataque de pânico.

— Chega — disse a mim mesmo — não jogo mais nada. Só resta esperar até amanhã. Só faltam umas treze horas.

*

Uma vez, quando eu fumava no banheiro dos tutores, estremeendo a cada sussurro, Esfinge, do Quarto, entrou lá. Assustado, joguei fora a bituca de cigarro que imediatamente se apagou no azulejo úmido.

— Veja só, um Faisão fumante! — disse Esfinge, olhando para o cigarro aos seus pés. — Ninguém vai acreditar se eu contar.

Então, começou a rir.

Careca, sem braços e espichado. Olhos verdes, da cor da grama. Nariz quebrado e boca sarcástica com os cantos levantados. E próteses enluvadas de preto.

— Tem mais um?

Assenti com a cabeça, perplexo porque ele falara comigo. Ninguém conversava com os Faisões. Simplesmente não conversavam. Inclusive me pareceu que ele pediria um cigarro, mas não chegou a isso.

Ele apenas disse:

— Legal.

E foi embora.

Nem por um instante pensei que ele realmente contaria isso para alguém. Mas eu estava errado.

Quando dois dias depois desse encontro começaram a me chamar de Fumante, não juntei dois mais dois. Não era só ele que sabia que eu fumo, tal como os Três Porquinhos me esclareceram. Acontece que Esfinge me dera um novo apelido. Ele se tornou meu padrinho. A Casa por pouco não virou de pernas para o ar porque isso nunca acontecera antes, alguém batizar um Faisão. Além disso, alguém como Esfinge, acima de quem estava apenas Cego, acima de quem estava apenas o telhado da Casa e as andorinhas.

Tudo isso fez de mim uma figura notória entre os não-Faisões, e os Faisões passaram a me odiar unanimemente. O novo apelido soava para eles pior do que “Jack, o Estripador”. Irritava-os. Estragava a sua imagem, mas não podiam revertê-lo. Não tinham esse direito.

Decidi não me imaginar fazendo parte do Quarto. Ali estava o meu padrinho-dedo-duro, ali estava o Lorde louco, que me arrancara um dente porque eu acidentalmente engatara as rodas da minha cadeira com as dele. Ali estava Tabaqui, o Chacal,³ que um dia me borrifara com alguma porcária fétida de uma garrafa onde se lia “Risco de vida”, e Lary, do Povo dos Macacos, que organizava todos os ataques dos Macacos aos Faisões. Era inútil me imaginar entre eles. Sem isso a situação já era ruim o bastante.

Terminei de comer o croquete murcho. Bebi o chá. Comi o pão e a manteiga. Inventei dois planos para fugir da Casa e, embora ambos fossem impossíveis de se colocar em prática, eles me distraíram. Em seguida, o jantar terminou.

Não retornei ao dormitório. Fumei no banheiro dos tutores e voltei para o refeitório. A área em frente a ele estava, como de costume, vazia. Havia poucos espaços como esse pela Casa. Parei a cadeira de rodas perto da janela e, enquanto não acendiam as luzes do corredor, contemplei as copas enegrecidas das árvores cujas folhas ainda não haviam caído. Quando acenderam as luzes, tudo lá fora escureceu. Afastei-me e comecei a ir de um lado para o outro ao longo dos murais de avisos. Não havia nada mais para olhar além deles. Li-os, talvez, pela centésima vez, e pela centésima vez convenci-me de que eles não mudavam. Só o que mudava eram aqueles que estavam nas paredes, atrás dos quadros de vidro. Escreviam com marcador, tinta e giz colorido, e as mensagens eram adicionadas tão frequentemente que quem quisesse registrar algo ali se via obrigado a primeiro pintar de branco os comunicados anteriores, esperar secar e só depois escrever um novo. Para alguns assuntos, as pessoas da Casa não eram preguiçosas. Em geral, eu não lia os avisos. Havia muitos e a maioria eram bobagens. Mas hoje, sem nada para fazer, decidi lê-los também. Parei a cadeira de lado e me apoiei entre as frestas dos quadros.

3 Outra referência a um dos personagens de *O livro da selva*. [N. do. T.]